Caso NVIDIA| A infidelidade está no desejo ou no engano?

written by O Cidadão | 24 de Novembro, 2026



No âmbito da polémica, a **Gleeden – aplicação de encontros sem compromisso líder na Europa** – traz a público o tema que, embora possa causar algum desconforto social, desperta cada vez mais interesse. Afinal, a **monogamia é uma necessidade natural ou uma escolha que fazemos quando nos relacionamos com alguém?** A este propósito, a sexóloga **Flávia Dos Santos**, embaixadora da Gleeden, questiona os modelos tradicionais de relacionamento e explica por que razão **monogamia e infidelidade não são a mesma coisa.**

Afinal, é possível amar uma pessoa e desejar outras? A exclusividade sexual é indispensável para manter um relacionamento estável? E se o problema não for sentir atração por outra pessoa, mas sim esconder isso?

Para Flávia Dos Santos, psicóloga e sexóloga embaixadora da Gleeden, é fundamental compreender que **sentir desejo por**

outras pessoas não significa, necessariamente, que o relacionamento esteja a fracassar. A diferença reside na forma como cada casal decide lidar com esses desejos e nos acordos que estabelecem entre si.

Baseando-se na sua prática clínica, Flávia dos Santos refere que ***"um relacionamento não monogâmico é aquele em que as pessoas têm clareza de que podem vivenciar encontros com outros indivíduos sem que isso, necessariamente, afete o relacionamento principal".***



A Psicóloga/Sexóloga, Flávia dos Santos expõe o seu ponto de vista. Direitos Reservados

Ser fiel significa deixar de desejar outras pessoas?

Um dos grandes mitos em torno dos relacionamentos é pensar que apaixonar-se ou comprometer-se com alguém elimina automaticamente a atração por outras pessoas. No entanto, esse desejo nem sempre desaparece quando existe um compromisso com alguém. Efetivamente, o que muda é a **maneira como cada pessoa decide vivenciá-lo.**

Da perspetiva da Gleeden, que facilita o contacto entre pessoas fora da monogamia, este debate vem, mais uma vez, questionar a ideia de que todos os casais devem funcionar sob as mesmas regras.

Na prática, o sucesso da aplicação vem confirmar que, enquanto algumas pessoas encontram satisfação na exclusividade, outras constroem **relacionamentos abertos ou não monogâmicos**. Nestes casos, existe a possibilidade de ter encontros com terceiros sem que isso represente uma traição.

A sexóloga Flávia dos Santos salienta que ***"nós não fomos feitos para a monogamia. A monogamia é uma renúncia voluntária. É uma decisão que se toma voluntariamente e que se tenta manter durante todo o compromisso".***

Esta reflexão **não significa** que a monogamia esteja fadada ao fracasso, nem que a infidelidade deva ser justificada.

Pelo contrário, coloca o foco numa diferença essencial: uma coisa é um casal combinar que existem outras possibilidades de relacionamento. Outra coisa, bem diferente, é quebrar um pacto de exclusividade às escondidas do parceiro.

Mais acordos, menos culpas

O «caso Nvidia» demonstra, mais uma vez, que a vida íntima pode tornar-se um tema de conversa e censura públicas. No entanto, também abre uma oportunidade para

falar sobre algo que muitos casais evitam: as suas expectativas em relação ao desejo, à fidelidade e à exclusividade.

Para a sexóloga Flávia Dos Santos, questionar os modelos tradicionais não significa promover a infidelidade, mas sim reconhecer que existem diferentes maneiras de vivenciar a sexualidade e construir vínculos afetivos. Com efeito, o importante é que as decisões não se baseiem no engano, mas sim

na comunicação, no consentimento e na clareza sobre o que cada pessoa espera de um relacionamento.

No fim das contas, talvez a **pergunta não seja se fomos feitos para ser monogâmicos,** mas sim se estamos preparados para conversar honestamente sobre o que queremos, o que desejamos e que acordos estamos mesmo dispostos a cumprir.